

O Ângulo Morto da Depressão¹

Clara Pracana

Falar sobre a depressão é uma tarefa que assusta. A palavra tem múltiplos e sobrepostos significados, numa panóplia imensa que vai da psiquiatria à linguagem comum. A própria consonância já é desagradável: *de-pressão*, ou seja, algo de moribundo, de desvitalizado. Que não tem força para, que desfalece. Algo de castrado, de impotente. Ou prenúncio de mau tempo, como na depressão atmosférica.

Béla Grumberger chama-lhe uma disforia específica com uma tonalidade especial, impossível de apreender e resistente a qualquer descrição, por mais rica que seja do ponto de vista verbal ou literário. E acrescenta: ‘De facto, só aqueles que já vivenciaram este afeto inefável são capazes de perceber essa qualidade específica’. (Grunberger 2003: 47).

É verdade, só quem nunca deprimiu não sabe como dói.

Logo no início, a tarefa a que me tinha proposto começou a configurar-se como deprimente. Comecei a adiá-la e a reparar que estava a adiá-la. E fui fazendo outras coisas, incluindo escrever um artigo sobre o erotismo. Aí fez-se luz. Por que estaria eu a escrever sobre o erotismo quando devia estar a fazê-lo sobre a depressão?

E então decidi que ia falar não especificamente sobre a depressão, mas sobre as suas várias máscaras. Por isso intitulei este trabalho *O Ângulo Morto da Depressão*, numa alusão àquela posição do condutor em

¹ A partir de uma conferência apresentada no dia 17/4/2010 no 2º Encontro Anual da AP, em Lisboa.

que nem retrovisores nem espelhos laterais funcionam. Mas ele – ou ela - a Coisa, o *Das Ding* de Lacan, está lá, à espreita, pode surgir da direita ou da esquerda. E apanhar-nos distraídos, sem defesas.

Esse ela – ou esse ele – ou coisa - o que será? Já veremos.

Ora, que fiz eu ao decidir não falar sobre a depressão? Precisamente aquilo que todos nós fazemos um pouco – recorrer à defesa maníaca.

Irei defender, ao longo deste trabalho, a tese de que, quer as defesas maníacas, quer a melancolia, são estratégias usadas pelo ser humano para se defender contra a angústia de morte – angústia esta que pode assumir várias faces, como veremos.

Heidegger, cuja filosofia consistiu, tal como a dos gregos pré-socráticos, no estudo do ser, um ser identificado com a existência, entendia que em quase dois mil anos a filosofia ocidental tinha ignorado essa existência última, aquilo a que ele chama o *Dasein* (literalmente ser-lá ou ser-no-mundo). Vivemos, considerava ele, numa época dominada pelo niilismo e pela tecnologia, em que nem sequer a metafísica tem espesura. Seria necessária uma outra linguagem para captar esse ser-estando-existência de cada ser humano, que implica simultaneamente a *compreensão* dessa existência. Dito de outra maneira, o *Dasein* é a existência do ser humano que se manifesta e compreende a si própria.

Pensar e compreender a existência era para Heidegger mais do que um ponto de chegada: era um caminho. Essa compreensão era um desvelamento, uma *aletheia*, como diziam os Gregos, para quem a palavra significava tanto verdade (e é este o significado atual da palavra em grego moderno) como memória, algo que não está oculto e que não se esquece. Heidegger usava uma metáfora: a da clareira. Numa floresta muito densa (ele vivia junto à Floresta Negra, no sul da Alemanha), cortam-se algumas árvores, de forma a que a luz possa tocar o solo na clareira.

O problema, dizia Heidegger, é que ao desvelarmos uma parte, cobrimos outra. O nosso conhecimento é sempre parcial. Mas se a essência do Homem está em existir, qual é o significado da existência? Heidegger argumentava que o Homem era um ser-para-a-morte. É na consciência da finitude, na angústia, na culpa, na perspectiva da morte, que o Homem é. Existe.

A nossa vida é um trajeto entre dois nada.

Escreve Heidegger: 'a angústia é a disposição fundamental que nos coloca face ao nada'. Já Kierkegaard, o filósofo que foi o grande teórico da angústia, dizia que a angústia era o 'desejo dirigido para aquilo de que se tem medo'. Na sua célebre expressão, era uma simpatia antipatizante,

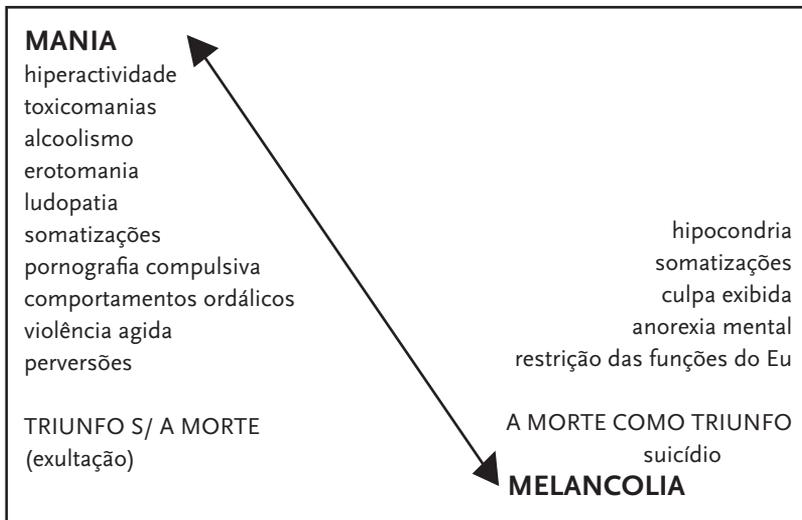
uma antipatia simpatizante. Uma vertigem. Hegel escreveu que a consciência sentia a angústia da ameaça à integridade da existência, causada por esse Senhor, esse Amo poderoso e absoluto que é a morte.

O *Dasein*, diz-nos Heidegger, condena-nos a viver morrendo em cada dia, mas a ser, a existir. Existir como, viver como? Desejavelmente, cumprindo o nosso desejo (que, como nota Lacan, é sempre o desejo do desejo) e sendo capaz, como dizia Freud, de estabelecer relações com os outros, de trabalhar, de criar. De facto, é na relação com o outro que podemos viver e pensar a existência, que podemos realizar o *Dasein* – já que a alternativa solipsística é ainda pior. Mas o que é a relação com o outro? O encontro do sujeito com o objeto, como dizia Heidegger? Mas o que é este objeto?

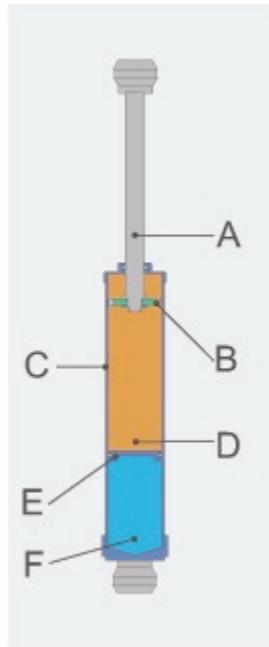
Para Freud, como sabemos, a pulsão é primária, vem antes do objeto, que só o é – objeto – por causa da pulsão. As escolhas de objeto, sejam objetais strictu senso ou narcísicas, visam sempre satisfazer a pulsão. O objeto, diz-nos Freud, é sempre o objeto reencontrado. Freud tem uma frase terrível num dos seus textos sobre o narcisismo, que diz assim: ‘o amor parental, tão comovente e no fundo tão infantil, não é senão o narcisismo parental renascido que, transformado em amor objetal, revela sem margem para dúvida a sua natureza primeira’ (SE 14: 91).

Mas vamos pegar nesta questão do narcisismo. Interessa-me aqui o narcisismo, porque quero falar-vos de duas patologias do narcisismo que no fundo são duas patologias do Eu. Duas patologias do Homem-ser-para-a-morte, como dizia Heidegger.

Estas duas patologias do Eu que, por vezes, alternam de forma violenta são a MELANCOLIA e a MANIA.



Tentei encontrar no mundo da realidade externa um objeto que ilustrasse a ciclotimia e encontrei algo que acho que o pode fazer. É um objeto da mecânica automóvel, que me atrevo a pensar que seria do agrado do Prof. Freud.



Eis um amortecedor. Como veem, consiste num reservatório de gás e noutro de óleo. O êmbolo desce contraindo o gás que é o ego, esmagado (depressão acentuada: melancolia) e depois sobe libertando a lóbido para fora (a lóbido é o óleo). Quando se carrega de um lado, solta do outro, num movimento de vaivém reminiscente da ciclotimia. Este êmbolo da vida, ou da morte, funciona como uma mola. Poderia ser mais lento, suponho, mas foi o que consegui arranjar. Mas o que importa, se fui bem sucedida na escolha do objeto ilustrativo, é metaforizar, se tal coisa é possível, *o aperto da angústia*.

Nas palavras do poeta Artaud, 'a angústia que aperta como uma pinça o cordão umbilical da vida'

Aquilo a que Freud chamou a *Hilflosigkeit*, o desamparo, o perigo invençível (*danger unsurmontable*), como diz Lacan (2004), está a apertar a mola da vida. O que é este desamparo? Freud descreve esse sentimento, essa angústia, esse terror, em *Inibição, Sintoma e Angústia* (1926), como próprio do

humano, diante de forças internas e externas mais poderosas do que nós, da imprevisibilidade do futuro, da difícil aceitação das nossas fragilidades e dos nossos limites, da necessidade de integração dos aspetos conflituosos, da solidão primitiva e irredutível, da ameaça de aniquilação, do vazio, do escuro. Sentimentos paralisantes de insignificância e de impotência, como lhes chama Fromm. Em suma, o terrível desamparo perante a solidão e a morte, e que assume várias formas conforme as fases da vida, desde aquilo a que podemos chamar uma proto-angústia, que corresponde ao abandono sentido pelo bebé, até à culpa e à angústia social, passando pela angústia da castração. De facto, há angústias para todos os gostos e para todas as fases da vida, mas julgo que todas elas têm um fundo negro que tem a ver com a angústia de morte, com o desamparo.

O buraco negro, como lhe chama Grotstein (1999). Bion chamava a esse desamparo o Arf-Arf, o terror que surgia na noite. Tenho um paciente que lhe chama 'uma solidão tão forte, tão forte...Uma coisa atroz'. Carlos Amaral Dias dá-lhe uma designação de que muito gosto: 'estar à mercê do objeto'. Lacan (1986), por seu lado, fala da angústia como 'demanda do objeto que me visa e solicita a minha perda'. Para Lacan, o aterrador é esse Outro, simultaneamente familiar e estranho que parece que me conhece e que eu não reconheço, na medida em que não sei o que sou para ele.

Que faz o bebé que passou pelo trauma do nascimento e pelas ausências repetidas da mãe (e não estou a falar sequer da mãe ausente)? Que faz o menino diante da ameaça da castração, ou a menina que percebe que a espera a sorte da mãe? Que faz o amante que aguarda desesperado – ou desesperada – uma palavra do objeto todo-poderoso que lhe tomou conta de uma parte do eu?

Que faz a criança invadida pela culpa, que teme a retaliação do Outro e simultaneamente a deseja?

Ovídio conta a história de Arcas, filho de Zeus e de uma ninfa a quem a inevitável e ciumenta esposa – Hera/Juno – castigou transformando-a numa urso. O jovem Arcas vai caçar e depara-se com uma urso enorme, a mãe perdida, que o olha com olhos de quem sabe quem ele é, quando ele não sabe. Levanta o arco, angustiado, está diante da morte. A urso tem os olhos da Medusa. Olhos vítreos, como diz Lacan. Imagino que fossem também olhos assim que Édipo enfrentou no encontro com a Esfinge. Quem sou eu? Quem és tu? O que sou eu para ti? A eternas perguntas, não formuladas, das crianças, dos amantes e dos poetas.

Que faz o menino a quem morre a mãe? Ou o pai? Ou os dois, como é o caso daquele meu paciente. Conseguirá dar-se um nome àquela angústia?

Repare-se nos olhos do anjo: há uma zanga por detrás da apatia. Um ódio ao objeto que já é um ódio ao próprio Eu. Mas ouçamos o que diz Ivette Centeno (2007), que é uma especialista em arte, sobre esta gravura de Durer, no seu blog 'Literatura e Arte' (novembro 2007):

O Anjo de Dürer tem a marca da Melancolia, estado de alma atribuído a Saturno, e marca, nos alquimistas, da NIGREDO, anunciadora de uma transformação espiritual (que pode ou não vir a concretizar-se).

Na criação artística essa melancolia tanto pode representar a pausa depressiva, depois de completada uma Obra, como um compasso de espera em que alguma coisa se aguarda, seja a revelação, seja a mudança.

No exercício artístico a espera pela inspiração pode traduzir-se num tédio melancólico, que só um novo impulso virá modificar.

No dicionário Mito-Hermético de Dom Pernety, lemos que a Melancolia significa a putrefação da matéria. Os adeptos também a designam por calcinação, incineração, matéria 'ao negro' (nigredo) por haver algo de triste na cor negra. Mas na Obra alquímica a nigredo anuncia as novas fases: albedo e rubedo, a da perfeição maior.

O Anjo de Dürer aguarda, de asas caídas, que a transformação se verifique.

No meu entender, esta Melancolia de Dürer diz respeito àquilo que no tempo dele se designava por melancolia imaginativa, um estado prévio ao da criação. Era um tipo de melancolia considerado próprio dos artistas. Não acho que exprima bem a melancolia, aquela de que eu estou a falar.

Tentei encontrar uma pintura que expressasse melhor essa característica da melancolia, que é o fecho do sujeito sobre si próprio, um retraimento quase orgulhoso, e acho que este quadro de Munch, chamado também Melancolia, expressa melhor aquilo de que vos estou a falar:



Munch: *Melancholia*

Atente-se nos olhos da mulher: são ainda olhos enegrecidos, sim, mas vazios. Ou melhor, opacos. Há aqui uma opacidade funesta, quase psicótica, a líbido regrediu, está toda lá dentro. Reparem na apatia, em contraste com o calor dos vermelho-laranja que a rodeiam.

Mas vamos voltar ao slide da mola da vida. Em cima está a mania. Esta mania, é curioso, é que devia ter os olhos do anjo de Dürer.

E isto é interessante, porque eu justamente entendo que tanto a mania como a melancolia, ambas formas de relação especular com o real, são uma forma ilusória, claro, de *trunfo sobre a morte*. A mania, porque é o triunfo sobre a perda do objeto, ou sobre a perda do amor do objeto. A melancolia, porque é o triunfo sobre o objeto. No caso mais extremo, o suicídio, o melancólico ao matar-se mata também o objeto cuja 'sombra caiu sobre o seu Eu', como escreveu Freud.

Entre estas duas estratégias, temos o abismo do viscoso, do informe, da morte.

Mas afinal o que é a morte? Pergunta quase retórica, a minha. Freud

dizia que o inconsciente não conhecia a morte. Será ela representável? Pode representar-se o cadáver. Mas a morte é representável? Vou selecionar as seguintes pinturas, numa tentativa de descobrir uma representação da morte (quatro pinturas de Eva Hesse e outra de Munch):



The Estate of Eva Hesse. Courtesy Hauser & Wirth, Zurich - London

Munch: *Leito de Morte*

O ser humano tem uma ideia da morte por aproximação. É por via da angústia, e angustiadamente, que vislumbra o que poderá ser a morte. Fragmentação, aniquilação, liquefação, vaporização. Desaparecimento dessa suposta unidade que era um ser humano. Queda final no abismo. Terror sem nome. Também, desejo de imobilidade, de regresso ao inorgânico (nirvana) a que Freud chamou a pulsão de morte? A angústia de morte NÃO é o mesmo que a pulsão de morte, mas por vezes tocam-se, como bailarinas enlouquecidas. Não esqueçamos que a angústia é um afeto.

Irei deter-me um pouco aqui nesta questão da pulsão de morte que tantas dissidências tem causado no seio das sociedades psicanalíticas – como sabem, há os que são a favor, os que são contra. E há a escola kleiniana que desvirtuou a pulsão de morte e a reduziu ao instinto destrutivo. Enquanto Freud punha a ênfase no desamparo do ser humano, Klein fala da angústia como resultante do perigo do trabalho interno da pulsão de morte.

Freud introduziu em 1920 a noção de pulsão de morte como intrínseca ao ser humano. Faz parte de nós próprios, da nossa precária existência, este vetor mortífero só contrariado por Eros.

Freud vinha amadurecendo desde há anos o conceito de pulsão de morte, tendo aludido a ele noutras ocasiões, mas de uma forma indireta, através do princípio da constância, cuja primeira referência surge nos *Estudos sobre a Histeria*, escritos com Breuer e publicados em 1895. Mas é em *Para Além do Princípio do Prazer* que aquela é formalmente explici-

tada, e de uma forma concisa e brutal: 'O propósito de toda a forma de vida é a morte' (SE 18: 38).

Toda a vida contém uma promessa de morte ou, se quisermos, a morte não só pré-existe à vida e se segue a ela - está contida nela. Como diz Green (2002,2007), existe, na vida, um mecanismo programado para a morte. Há um trabalho muito interessante sobre a programação das células para a morte, chamado *La Sculpture du Vivant* de Jean-Claude Ameisen que é biólogo.

A tendência para a morte, para o retorno ao estado inanimado, está constante e silenciosamente a trabalhar dentro do ser vivo. Os poetas e afins já o vinham dizendo há muito, muito tempo, como Heraclito, neste pequeno fragmento, em que fala daqueles 'que vivem a sua morte e morrem a sua vida' (Kirk et al. 2005: 213). Ou Séneca, mais tarde: 'Morremos diariamente (*cotidie morimur*), já que diariamente ficamos privados de uma parte da vida; por isso mesmo, à medida que nós crescemos a nossa vida vai decrescendo' (Ep. 24: 20). Ou ainda, já no século XVIII, Edward Young (1997): 'O nosso nascimento nada mais é que o começo da nossa morte'.

Freud caminha para esta conclusão – a da existência da pulsão de morte - baseando-se nas teorias de Fechner (1801-1887), autor que ele teria em grande apreço e que tornará a referir no seu *Estudo Autobiográfico* (SE 20: 59). Gustav Fechner tinha publicado, na segunda metade do século XIX, uma teoria do organismo, segundo a qual qualquer movimento psicofísico que chega à consciência é trabalhado pelo prazer ou desprazer, no sentido da estabilidade. Ou seja, o sistema nervoso (ou, mais abrangentemente, um sistema orgânico) tem uma tendência inata para manter constantes as quantidades de excitação.

Mas Freud vai ter de resolver neste texto de 1920, a questão da relativa dominância entre estas forças; *Lust/Unlust* e a tendência para a estabilidade, observada em todos os organismos. E fá-lo postulando a existência da pulsão de morte para além do princípio do prazer, como diz o título.

Como ele próprio gostava de referir, os poetas chegam sempre lá antes dos outros. Schopenhauer (1964: 98) referira, em *Metafísica da Morte*, 'a nostalgia infinita do paraíso perdido do não-ser'. Freud cita no seu texto uma outra passagem de Schopenhauer, para o qual a morte era o resultado e o propósito da vida, enquanto a pulsão sexual era a encarnação da vontade de viver (SE 18: 50). George Steiner, com a luminosidade que lhe é característica, enuncia-o assim: 'a consumação da libido encontra-se na morte' (Steiner 2003: 33).

Julgo que não é possível perceber-se o conceito da pulsão de morte

em Freud sem se ter em conta a questão da *Hilfflosigkeit*, do desamparo. E ainda de uma outra noção também desenvolvida psicanaliticamente por Freud, a de *Unheimlich*, a estranha familiaridade ou inquietante estranheza, que dá a tonalidade característica à angústia e que pode ser aparentada ao conceito de angústia de Kierkegaard, carregado de ambivalência.

A pulsão de morte nega a separação. E a separação é o abandono, o desamparo. O retorno ao ventre materno é o objetivo narcísico primário: a beatitude, a junção do fim e da origem. A tríade das angústias, com que a criança se confronta, escuridão, silêncio, solidão, fá-la procurar o conforto do Outro. Mas, como faz notar Lacan, esse conforto é também o perigo que vem do objeto. Como Lacan não se cansa de dizer, o perigo vem do Outro, tanto pela falta como pelo excesso. Aliás, já Freud o tinha dito: nunca estamos mais vulneráveis do que quando amamos. É que o terrível da angústia é mesmo isto: nasce dentro, como perigo interno, e confirma-se fora. Foge-se dum perigo para se cair noutra. Mas é assim.

Negando-se a separação, nega-se a morte. A ilusão do triunfo sobre a morte – é do que vamos tratar. Que estratégias usam os humanos para negar a finitude? Veremos que quase todas elas passam pelo narcisismo. A morte, na aspiração narcísica, é o único adversário que vale a pena desafiar e vencer. Daí também o fascínio pela morte que encontramos em algumas organizações psíquicas. Morte e ressurreição, paixão e êxtase, o ciclo infernal da ciclotimia.

Os homens inventaram os deuses para não se matarem, diz uma personagem de Dostoievski. Agora, que já matámos os deuses, que nos resta? A ciência? O progresso? Mas até a ciência parece por vezes apostada em negar a morte, numa espécie de onipotência maníaca.

Também há os que se matam para não morrerem, como os bombistas suicidas, a quem supostamente aguardam no paraíso setenta (setenta!) virgens.

Alguns vendem a alma ao diabo, como Fausto. E há os que calam o desejo para fugir à morte. Não como, não bebo, não faço sexo, não peço; morro em vida, mas que interessa? Matando a vida em mim, atinjo a felicidade da quietude.

A via do êxtase e do misticismo é esta: pretende-se atingir o gozo através da retirada radical do mundo e do objeto. Mesmo na proximidade do objeto, a contemplação e a meditação tendem a dissolvê-lo. Mais uma vez, à semelhança do lactante que mama e dorme, pretende-se chegar à beatitude e àquele sentimento oceânico que Freud, referindo-se às palavras do escritor Romain Rolland (2006), diz que nunca sentiu, mas

que corresponderá ao restabelecimento do narcisismo original. Georges Bataille (1988), nos seus textos sobre o erotismo e religião aplica a esses religiosos/místicos a seguinte expressão: ‘morrem para si próprios’.

Há os que ingerem substâncias que trazem o oblívio temporário e uma sensação de triunfo sobre a morte. Há os que se afogam em álcool e morrem literalmente afogados, como Edgar Allan Poe, que morreu asfixiado numa sarjeta. Outro grande melancólico.

Há os que procuram no prazer e no orgasmo o antídoto contra a propriamente dita, a ceifeira que tudo nivela, como alguém lhe chamou. Entre estes estão os erotómanos ou eroto-maníacos. Reparem no que escreve Casanova: ‘sê alegre minha jovem amiga, a tristeza mata-me’ (cit. in Cortanze 1998: 43). E ainda: ‘ Existo porque sinto [...]. De outra forma, seria o tédio, do qual devemos fugir como da morte’ (cit. in Solers 1999: 34).

A erotomania, também ela uma defesa, seria um movimento contrário ao do místico: em vez do refluxo, temos a exultação, o transbordar, o invadir dos objetos e do mundo. A plenitude máxima, o orgasmo repetido até à exaustão. Seria o narcisismo na sua vertente mais positiva. Já não é o sono satisfeito do lactante, é a satisfação oral da devoração do objeto.

Há ainda os que negam a passagem do tempo, os que recusam o envelhecimento, os que se fazem cortar e esquartejar para ganhar mais algum tempo à ceifeira.

Outros há que se fazem velhos em novos, carregando um cansaço extremo, com que já parecem ter nascido. É o caso de muita da poesia de Álvaro de Campos (1980), como esta:

O QUE HÁ

*O que há em mim é sobretudo cansaço –
 Não disto nem daquilo,
 Nem se quer de tudo ou de nada:
 Cansaço assim mesmo, ele mesmo.
 Cansaço.
 A subtileza das sensações inúteis,
 As paixões violentas por coisa nenhuma,
 Os amores intensos por o suposto em alguém.
 Essas coisas todas –
 Essas e o que falta nelas eternamente – :
 Tudo isso faz um cansaço,*

*Este cansaço,
Cansaço.
[...]
Para mim só um grande, um profundo,
E, ah com que felicidade infecundo, cansaço,
Um supremíssimo cansaço,
Íssimo, íssimo, íssimo,
Cansaço ...*

Álvaro de Campos (09-10-1934)

Outros fascinam-se com a morte, procuram-na incessantemente, quase de forma ciumenta e possessiva. Artaud é um exemplo, entre muitos. Baudelaire, também.

Alguns desportos radicais hoje serão também isso, mas acho que sempre existiram seres que quiseram seduzir a morte, como se seduzi-la fosse aplacá-la. Um tropismo irresistível leva estas pessoas a serem irremediável e compulsivamente atraídos por situações perigosas e ariscadas.

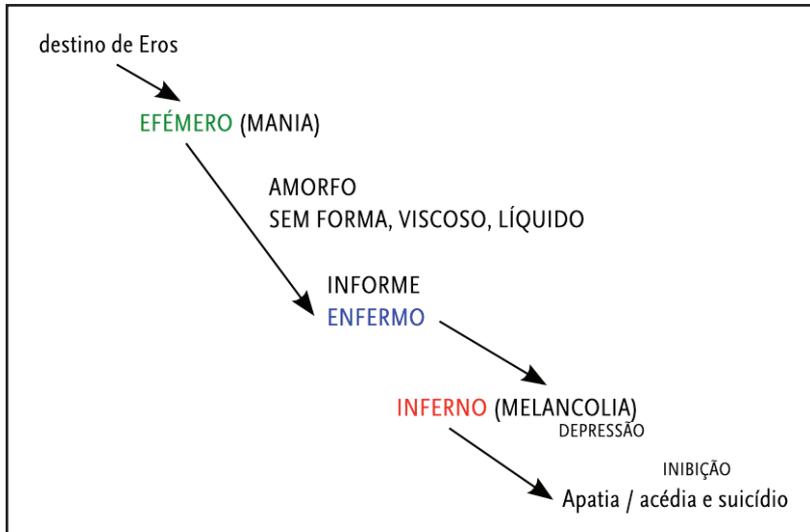
Há os que têm carradas de filhos e para quem a família é uma extensão narcísica do Eu. A idealização da família concebida para servir uma espécie de Eu narcísico coletivo e que confere identidade, faz a abolição das diferenças, negando mais uma vez a separação.

Há ainda os hipocondríacos. A angústia instala-se num órgão, é a encarnação do narcisismo, como sugere Freud num texto sobre a paranoia. Eu colocaria a hipocondria aqui na parte de baixo da mola, na melancolia.

Há os que desenvolvem fobias várias e optam pelos evitamentos, estratégia aliás muito eficaz, e que confere uma máscara asséptica e protectora à angústia e a estabiliza. Ou inventam, como na neurose obsessiva, rituais mágicos para espantar a ceifeira – a morte - como o Homem dos Ratos, o paciente de Freud.

E ainda há os que procuram a imortalidade de formas porventura mais sublimadas, à maneira dos grandes trágicos gregos. Criando obras que permanecem na memória dos homens. E assim se vão da lei da morte libertando, como dizia Camões.

Todas estas estratégias são defesas mais ou menos eficientes contra a angústia de morte, a dor mental que daí advém. Panaceias, digamos. Mas parece que não temos outra solução, emparedados como estamos entre dois nadas.



A morte é liquefação, vaporização, passagem ao informe, como se pode ver neste poema de Chamfort (1923):

À CELLE QUI N'EST PLUS

*Dans ce moment épouvantable,
Où des sens fatigués, des organes rompus,
La mort avec fureur déchire les tissus,
Lorsqu'en cet assaut redoutable
L'âme, par un dernier effort,
Lutte contre ses maux et dispute à la mort
Du corps qu'elle animait le débris périssable;
[...]
Tes yeux fixes, muets, où la mort était peinte,
D'un sentiment plus doux semblaient porter l'empreinte;
Ces yeux que j'avais vu par l'amour animés,
Ces yeux que j'adorais, ces yeux que j'ai fermés!*

Sébastien-Roch de Chamfort

A aniquilação do corpo humano, a nossa morte anunciada, e o terror que tal ideia suscita. O amorfo, o viscoso, como a arte de Eva Hesse, entre alguma coisa e o nada.

O enfermo tem dois destinos:

1. O INFERNO (MELANCOLIA)

Na melancolia a libido retrai-se sobre a mundo fantasmático e sobre o Eu. Protótipo: o bebé que recusa o alimento.

Nas palavras de Amaral Dias (1995) existe uma projeção do self no interior da parte do objeto nuclear percebida como má, e uma identificação do self àquele objeto. O self, de forma centrípeta, fecha-se sobre si próprio, agravando-se os sentimentos de culpa e de autorrecriminação.

Ou:

2. O EFÊMERO (MANIA), a que, no melhor dos casos, podemos chamar os DESTINOS DE EROS. Na mania (elação) a libido exaltada transborda, invade o objeto e o mundo (protótipo: devoração oral do objeto). Ainda nas palavras de Amaral Dias, aqui o self faz um movimento centrífugo, projetando-se dentro do objeto idealizado e onipotente.

Mas vamos primeiro à melancolia.

A MELANCOLIA

Cai a chuva abandonada

À minha melancolia,

A melancolia do nada

Que é tudo o que em nós se cria

Virgílio Ferreira

Freud dedicou à melancolia um texto, *Luto e Melancolia*, onde explica a diferença entre o luto normal e luto patológico que é uma forma de melancolia. A melancolia, como Freud ressalta, caracteriza-se pelo facto de o paciente não parecer ter qualquer pudor em se expor e em exhibir a sua dor. Abraham (1988), por seu lado, articulou a melancolia e a depressão com a identificação narcísica, com os fantasmas da incorporação do objeto, com a ambivalência. Na melancolia, diz Freud, a perda do objeto não é da ordem do consciente. A inibição - a aniquilação - no melancólico parece mais misteriosa do que no luto: o que é que a pessoa perdeu? A autoestima fica mais prejudicada do que no luto, o ego mais empobrecido, esvaziado, incapaz. Em Hamlet temos um bom exemplo da restrição das funções do Eu.

O melancólico exhibe a sua melancolia. Algo se perdeu no seu ego; mas o quê? Uma parte do ego ataca o próprio ego – é o Super-Eu, como

Freud desenvolverá melhor mais tarde, em ‘Civilização e os seus Descontentes’ (SE Vol. 21). Que parte do Eu é atacada? A parte que pertence ao objeto: ‘a sombra do objeto caiu sobre o Eu’, nas palavras de Freud. Paralelamente, há uma espécie de processo de vitimização. Desapontada, a libido retira-se do objeto e investe na parte do Eu que é a do Outro – a parte do Eu que se identificou ao objeto *por incorporação*.

O melancólico perdeu uma parte de si próprio que já não é o objeto, nem é ele próprio.

Diz uma paciente:

Eu gostava tanto dele. Quando acabámos foi horrível. Foi como se me tivessem arrancado uma perna, um braço, sei lá. Fiquei amputada. Dentro de mim, algo morreu. Não.... não morreu. Ficou lá, mas em estado de cadáver. Que transporte dentro de mim há anos. Odeio-o. Odeio-me por isso.

No entanto, é importante entender que este objeto, cadáver conservado, embalsamado, que ocupa o melancólico, não é necessariamente uma pessoa; pode até ser uma abstração, um ideal.

Freud interroga-se sobre a aparente fraqueza deste investimento no objeto, que estranhamente parece ter sido pouco resistente ao desapontamento. Seria assim frágil, e pouco resistente à frustração, por ter sido um investimento mais narcísico do que objetal. E que, pela mesma razão, exige por vezes um reinvestimento, uma anticatexis poderosa, sob a forma da mania, para que a ferida narcísica pareça fechar-se (SE Vol. 14: 258).

A ambivalência, essa coexistência de amor e ódio, é também um fator determinante no processo melancólico, diz-nos Freud. Escreve que o investimento libidinal, aquilo que comumente se designa por amor (palavra que Freud raramente usa, é preciso que se diga; normalmente refere-se a estado amoroso), esse amor era mais importante do que o objeto. Por outras palavras, o narcisismo predomina. Narciso vence Eros. Ou será que Eros é Narciso? A este propósito, recorro mais uma vez a Freud, e a uma carta que ele escreve à sua então ainda noiva, Marta, e que Carlos Amaral Dias cita no seu livro *Carne e Lugar* (Dias 2009:90): ‘Não quero que me ames pelas qualidades que me atribuis [...]; é preciso que me ames sem razão’. Estamos diante, como nota Amaral Dias nesse texto, de uma assimetria irredutível. Eros é Narciso.

Embora na época em que escreveu ‘Luto e Melancolia’ (SE Vol. 14) Freud não tivesse ainda construído o conceito de pulsão de morte, é disso que se trata quando o Eu é cruel e incansavelmente castigado e atormentado por acusações contra o objeto, que são defletidas sobre o

Eu. Estas acusações proviriam de uma agência chamada ‘consciência’ (ainda não designada, nesta fase, por Super-Eu). O melancólico, escreve Freud, prefere o conflito dentro do ego, ao luto por causa do objeto.

Autorrecriações, desprezo por si próprio, autocrítica constante são características do estado melancólico. O sentimento de culpa é aqui exibido de forma notável, com acusações de egoísmo, mesquinhez, desonestidade, etc.. Isto é, não há mal que o melancólico não diga de si próprio. É como se dilacerado, entre o Supereu e o Eu, defletisse o sadismo objetual (que está lá do outro lado, do lado da mania), recaísse e se aninhasse numa culpa melancólica que o fecha para o mundo (lembrem-se do cão do Dürer e da falta de expressão da mulher no quadro do Munch). Como escreveu Maria Torok (1995), o sujeito melancólico, não podendo internalizar, incorpora o objeto – destrói-se para não renunciar, para não fazer o luto.

De acordo com Rosolato (1975), todas as depressões têm um eixo narcísico. O suicídio, ou a sua tentativa, revelam o núcleo melancólico, a saber: identificação narcísica, incorporação fantasmática oral, ambivalência para com o objeto, prevalência da pulsão de morte desligada. Desligada de quê? De Eros, claro, que ficou ali em cima, na mania. Rosolato sugere que a melancolia poderia ser uma forma de ‘paranoia interior’, em que o Super-Eu e o objeto incorporado – ou seja, a parte do ego sobre o qual recaiu a sua sombra, são o perseguidor e o perseguido.

A melancolia (que em grego significa: *bílis negra*) tem sido objeto de estudo desde os antigos gregos. Muitos, ao longo dos séculos, entre poetas, filósofos, historiadores, artistas, se lhe têm referido como sendo um fator de criatividade. É nesses termos que Aristóteles, por exemplo, se lhe refere. O seu estatuto teórico e social tem sido, assim, garantido. Robert Burton (2004), um autor do século XVII que faz uma copiosa e esplêndida viagem pelo mundo da melancolia, chama-lhe uma terrível aflição mas uma benção paradoxal. Já se lhe chamou acédia, que em latim significava tanto ansiedade como desgosto, e que era um dos sete pecados mortais na idade média. Spleen, ennui, black dog (era assim que Churchill chamava aos surtos depressivos), black sun (Kristeva 1989), muitas têm sido as designações para este mal.

A MANIA

Já a mania, palavra também de origem grega, conotada com a loucura, parece ter gozado de um estatuto menos respeitável. Talvez hoje estejamos num ponto de viragem, neste aspeto. Há algo de libertador na ma-

nia, em relação à melancolia, que o próprio Freud reconhece. A vertente dos destinos de Eros, possivelmente.

A mania, como vos disse, pu-la no outro extremo da mola, do amortecedor. A mania e as suas diversas manifestações.

Para Freud, a mania era uma forma de anticatexis da melancolia, para Klein e Lewin é uma defesa contra a angústia depressiva.

A mania, tal como eu a entendo, é também ela uma tentativa de triunfo sobre a morte: seja pelo excesso pulsional, pelo frenesim hedonista, pela procura do prazer e do êxtase orgásmico (essa pequena morte, como se dizia antigamente), pela busca denodada dos veículos possíveis do prazer, os objetos (pessoas, substâncias, coisas), é um transbordar que deixa pressentir simultaneamente o trabalho da pulsão de morte e o esforço de Eros para nos manter vivos e amantes da vida.

A mania, diz Binswanger (2005), põe em causa a noção de unidade do sujeito, introduz uma disrupção na sua narrativa, no *continuum* da sua biografia. A consciência não flui no *Dasein*, a linha passado/presente/futuro está quebrada.

Numa das formas da mania, a erotomania, temos o desejo alucinado: o objeto perdido é supostamente reencontrado no erotismo maníaco. Racamier (1957) dizia que é o salto para fora da depressão que faz cair na exaltação maníaca (a que ele nos anos 50 chama também 'euforia mórbida'). Os objetos sucedem-se, vicariantes, e são investidos narcisicamente. Abraham (1988) descreve muito bem essa incorporação canibalesca, devoradora, sádico-oral. A dor mental é denegada e a relação de proximidade evitada. Os objetos investidos narcisicamente podem ser pessoas, corpos, ou partes de corpos, ou uma droga – lembrem-se da canção 'maldita cocaína que roubaste o meu amante...maldita cocaína odeio-te e gosto de ti...' - uma música dos anos 1920, mas com versões mais recentes. O investimento narcísico pode ser ainda num fetiche, como nas perversões, ou na vertigem do jogo, ou na procura compulsiva de pornografia, ou em comportamentos ordálicos, ou na violência agida, ou noutras perversões de que nos fala, entre outros, Rosolato (1975). A violência pode ser vista como a angústia agida, des-afetada (separada do afeto).

Mas não podemos entrar nesse tema agora, embora seja também um tema muito interessante, o da violência contemporânea. Vamos ficar por aquilo que ouvimos dos nossos pacientes:

Nuno, 40 anos, empresário, trabalhador compulsivo, humor bem disposto, afável, risonho. Queixa-se de ataques de pânico. De relações sucessivas que pouco duram, que morrem por si. Tento

perceber. Declara que ‘não gosta de pensar nisso’. Os ataques de pânico, para que está a ser medicado, serão a ponta do iceberg de uma enorme angústia, que ele nega. De que não quer ouvir falar, porque ‘parar é morrer’. Acrescente-se que este paciente perdeu ambos os pais ainda em criança, no espaço de seis anos. Primeiro o pai, quando ele tinha quatro anos, depois a mãe, quando tinha nove.

A hiperatividade, o alcoolismo noutros casos, a toxicomania, as adições alimentares, o comportamento impulsivo e compulsivo, a constante procura de novos objetos para catexizar. Eterna e sucessivamente desapontada, a libido retira-se do objeto. Investimento por natureza pouco resistente ao desapontamento, como já referi. É possível, mas a falta está sempre lá. O desespero. O estar à mercê do objeto. O objeto pode desapontar, abandonar. Ou já desapontou, já abandonou. Porventura uma mãe que não esteve lá, uma ‘*mère ailleurs*’, como diz André Green (1983), um objeto de fixação ambivalente, ambivalência essa acompanhada de intolerância à frustração. É este o fator constitutivo da *Hilflosigkeit*, do desamparo. Estar desamparado é como morrer.

Como se lida com o nada, com o vazio deixado pelo objeto? Ou com a estranha familiaridade do objeto que invade? Porque a angústia não nasce só da falta, mas também do excesso.

Ponhamos a questão assim: tanto a solução melancólica, que corresponde a um estilo vivencial de perda, como a solução maníaca, com os seus objetos vicariantes, escolhem a via do investimento narcísico (sublinho que me parece que melancolia será talvez uma das patologias que mais reduz as possibilidades de escolha por parte do sujeito). Uma parte do Eu passou a ser do Outro, o objeto foi incorporado. Desaponta, frustra. Na solução maníaca, o sujeito desinveste, retira a libido, procura outro objeto para investir narcisicamente, objeto esse que até pode ser uma ideia, uma abstração.

Será que estamos condenados a isto mesmo, a procurar incessantemente o objeto perdido? *Das Ding*, a Coisa, de que nos fala Lacan, o objeto que se quer encontrar – melhor dizendo – reencontrar – não quer ser encontrado. O objeto, como tal, está perdido; outros, ou outra coisa, aguardam-nos, para o melhor e para o pior (Lacan 1986:65). Ocorre-me uma das últimas frases de Freud, escrita em francês pouco antes de morrer, frase que sempre me despertou uma sensação de inquietante estranheza: *en attendant quelque chose qui ne venait point*.

Será que a procura incessante do objeto, a mania, é a nossa salvação

e a nossa condenação? Será que, como dizia Freud, amamos (investimos libidinalmente) para não adoecermos, e adoecemos se não amamos (*SE* Vol. 14: 84)? Duas mónadas que se procuram na procura eternamente frustrada da bolha diádica perdida. O contacto de duas epidermes, o intercâmbio de duas fantasias, como escreveu o poeta Chamfort (1923) no poema atrás referido?

Todavia, talvez nem a mania nem a melancolia sejam necessariamente o nosso destino. Existe a neurose obsessiva, que brinca com a morte através de macabros rituais. Há as perversões, há as histerias. Mas como evitar cair no abismo do viscoso, do informe?

Há uma outra alternativa, talvez a mais difícil e apenas ao alcance de alguns, não sei, que é a da simbolização. Ou seja, a partir da posição depressiva e da elaboração do pensamento. Klein começou por pensar as posições (depressiva e paranoide) como constelações de defesas e ansiedades, e como fases de desenvolvimento. Mais tarde, passou a usar a expressão 'posição' como manifestação de atitudes em relação ao objeto, e que poderiam ocorrer em qualquer fase da vida. Na posição depressiva, segundo ela, o objeto já é visto como um objeto inteiro, e não apenas nos seus aspetos parciais, maus ou bons. Esta possibilidade de integrar o objeto é acompanhada de alguma tristeza, ansiedade e preocupação em relação ao mal que se terá podido causar ao objeto. É aqui que surgem, no discurso de Klein, a necessidade e a possibilidade de reparação. Meltzer chama a atenção para que este objeto total é visto como único e como não sendo intercambiável. Este objeto inteiro, internalizável, seria o garante de uma segurança interior com base na qual podem ter lugar, e desenvolverem-se as funções ligadas ao intelecto, como a formação de símbolos, a socialização, a capacidade de estabelecer relações com outros objetos que não a mãe, a elaboração do complexo de Édipo e da relação com o pai e ainda a capacidade de se relacionar e interessar por outras crianças. Para Klein, quando o objeto interno não é bom, mas pelo contrário persecutório, tem lugar uma fuga para objetos externos, parciais, numa negação maníaca da realidade psíquica.

A depressão abrange um grupo complexo de ideias e emoções, com as quais o sujeito responde à experiência de perda ou falhanço de certas aspirações ou expectativas. Pode fazer parte da vida quotidiana (micro-depressões) ou tornar-se uma doença severa e prolongada. A ferida narcísica que a acompanha envolve falta de amor-próprio e de autoestima, acompanhada de sentimento de desamparo. O desenvolvimento do amor pelo objeto é perturbado: em vez de amor, aparece hostilidade e

culpa para com o objeto e para com o *self*. Também surgem sentimentos de perseguição, que podem alternar rapidamente com afetos mais depressivos. Existe uma luta para preservar a relação de objeto: mais vale um objeto mau que objeto nenhum, sublinha Grinberg (1992). Na depressão narcísica, acrescenta este autor, o sujeito sente que não pode cumprir as aspirações do Eu Ideal. Em alguns pacientes pode predominar a culpa persecutória, sendo dificilmente tolerada a ausência do analista, a quem o paciente exige interpretações frequentes, como prova de que está lá (Grinberg 1992: 280 et passim).

Rosolato (1975), por sua vez, estabelece um *continuum* entre a depressão neurótica, acompanhada de culpabilidade inconsciente, e a melancolia psicótica, em que a culpa *fala*. Nesta última, os afetos que acompanham a depressão neurótica (pessimismo, desinteresse, tristeza, inibição, lentificação, astenia, inferioridade) apareceriam exacerbados, designadamente a culpabilidade, por vezes delirante, e a hipocondria. A culpabilidade, na sua forma acusada, remete com clareza para as três causas indicadas por Freud: a prematuração inicial, a repressão pulsional (embora o laxismo possa ter efeito similar) e os fantasmas de morte edipianos contra o pai (Ibidem: 7).

Um dos aspetos mais positivos da culpa, aquele que está ligado à ética e às suas avaliações, é o de aceitar a própria finitude, de ser responsável por ela. Esta forma de responsabilidade passa pela aceitação das próprias fraquezas, escolhas e erros, como afirma Rosolato. É essa culpa que está na base do processo civilizacional e que permite a ambivalência e o processo simbólico, por oposição à violência sem nome.

Desta massa central, viscosa e informe, que usei como metáfora para a angústia de morte (e para os seus correlatos, que são a angústia da separação, a angústia de castração e a culpa, ligada àquilo que Freud designou por angústia social), como sair que não seja pela 'fuga para cima' da mania ou pela descida aos infernos da melancolia? Talvez pela elaboração da ansiedade depressiva que passa, como diz Jean-Claude Rolland (2006), pelo reajustar das relações entre o eu e os objetos internos.

Ou seja, pensando. Pensando no sentido bioniano do termo. Pensar, para Bion, implicava dois processos distintos: há um pensar que dá lugar a pensamentos e há os pensamentos que andam à procura de pensadores. Os pensamentos podem formar-se na conjugação de uma preconceção com uma realização negativa, desde que a mente tenha uma certa tolerância à frustração. Por seu lado, o aparelho de pensar só aprende a pensar na interação da posição depressiva com a posição

esquizo-paranoide (tal como definidas por Klein), e quando o contendor contém de facto as ansiedades da criança, permitindo tolerar a dor mental, a aprendizagem com a experiência, a transformação e o crescimento. Caso contrário, não há lugar à formação de pensamentos, mas a elementos beta (as coisas-em-si), que são evacuados através de identificações projetivas maciças.

Mas o importante é a capacidade de preservar as experiências do passado (transformando-as em K) e estar aberto a novas experiências. Neste sentido, a posição depressiva, que implica ambivalência mas também a capacidade de integrar o que foi dissociado, parece ser condição de pensamento, criatividade e crescimento.

E na clínica, como é? Coimbra de Matos (Matos 2001) escreveu que a grande dificuldade do depressivo (ou seja, daquele que tem uma disposição para a depressão) é a abordagem da problemática edípiana: 'o indivíduo, em face da problemática edípiana, faz uma violenta recusa e regressa ao narcisismo'. Ou seja, à 'relação dual e exclusiva em que conta, sobretudo, a valorização narcísica do sujeito pelo objeto'. Esta recusa em face do conflito edípiano é a retirada depressiva ou mesmo melancólica, se a regressão persiste. O investimento objetal, diz ainda Coimbra de Matos, tem de ser acompanhado pelo investimento narcísico, mas ultrapassando a relação especular. O sujeito tem de ser capaz de aceitar a diferença, a alteridade e de aceitar a negatividade da experiência passada de uma relação parental insuficiente, em que não se sentiu suficientemente amado, nem apreciado, nem compreendido. 'Fazer a mudança equivale a aceitar a perda inexorável e definitiva, o que não é fácil para quem pensa e sente ter recebido pouco' (Matos 2001: 86). 'A cura da depressividade', escreve ainda Coimbra de Matos (ibidem: 87), 'passa pela depressão vivida até ao seu âmago, o abandono total e definitivo do investimento infantil da imago arcaica'.

No fundo, estamos diante, de novo, da questão do desenvolvimento e da criatividade. É preciso, julgo eu, dar em sacrifício o objeto introjetado que, embora maligno ou, pelo menos, insatisfatório, faz parte do sujeito. E daí partirmos para a criação do futuro escolhido por nós. Não se trata apenas de reparar o objeto, tal como escreveu Melanie Klein. É preciso matá-lo e criá-lo de novo. À nossa imagem e semelhança, em parte, mas também reconhecendo a satisfação e o prazer que podem vir da alteridade, do outro, do diferente. Não há prazer como o que o que nos pode dar a realidade, como dizia Freud. No fundo, trata-se daquilo que a humanidade fez nos seus primórdios: treinar a capacidade de agir sobre o meio, deprimindo-se de quando em quando – não há como es-

capar – mas mantendo a esperança e o gosto pela vida. Até morrermos, sorte a que ninguém escapa. A questão é sempre a mesma, desde há séculos: como viver? Ou seja, como preparar a nossa morte? Fechados na jaula da angústia e da neurose, ou da melancolia, ou aumentando as nossas opções de vida, aquilo a que os matemáticos chamam o grau de liberdade, incorrendo, é certo, em maiores riscos? A criatividade, que é também uma forma de investimento libidinal, tem muitas formas de se expressar. Não nos deixemos aprisionar pelos modelos estabelecidos e socialmente impostos. Criar não é necessariamente pintar um quadro, ou escrever um poema. Liberdade, criatividade, tudo se passa no palco da eterna luta entre a pulsão de morte e a pulsão de vida. Até Deus, como escreveu Heine num poema que Freud cita (SE 14: 85), teria recuperado a saúde criando.

E numa homenagem à criatividade, ao poder da palavra e à simbolização, termino com um poema, *Escada sem Corrimão*, desse poeta genial que foi David Mourão-Ferreira (1983):

*É uma escada em caracol
E que não tem corrimão.
Vai a caminho do Sol
Mas nunca passa do chão.
Os degraus, quanto mais altos,
Mais estragados estão,
Nem sustos nem sobressaltos
servem sequer de lição.
Quem tem medo não a sobe
Quem tem sonhos também não.
Há quem chegue a deitar fora
O lastro do coração.
Sobe-se numa corrida.
Corre-se p'rigos em vão.
Adivinhaste: é a vida
A escada sem corrimão.*

REFERÊNCIAS

- Abraham, K.
1988 [1927] *Selected Papers on Psychoanalysis*. Londres: Karnac.
- Amaral Dias, C.
1995 (A) *Re-Pensar*. Porto: Ed. Afrontamento.
2009 *A Carne e o Lugar*. Lisboa: Almedina.
- Bataille, G.
1988 *O Erotismo*. Lisboa: Antígona.
- Binswanger, L.
2005 *Mélancholie et Manie*. Paris: PUF.
- Burton, R.
2004 *The Anatomy of Melancholy: A Selection*. Editado por K. Jackson. Manchester: Fyfieldbooks.
- Campos, A.
1980 *Poesias*. In *Obras Completas de Fernando Pessoa*. Lisboa: Ática.
- Centeno, I.
2007 Blog 'Literatura e Arte'. URL: http://literaturaearte.blogspot.com/2007_11_01_archive.html
- Chamfort, S.-R.
1923 [1825] *Les Plus Belles Pages*. Paris: Mercure de France.
- Cortanze, G.
1998 'Casanova, la Recherche du Plaisir Pur'. *Magazine Littéraire* 371. pp.41-3.
- David, C.
2007 *Le Mélancolique sans Mélancolie*. Paris: Éditions de l'Olivier.
- Ferreira, V.
2008 'Cai a Chuva Abandonada'. URL: <http://www.citador.pt/poemas.php?op=10&refid=200809110008>
- Freud, S.
1981 [1917] 'On Narcissism: An introduction'. In *The Standard Edition of the Complete Works of Sigmund Freud, SE*. Editado e Traduzido por J. Strachey. Vol. 14. Londres: Hogarth Press. pp. 69-107.
- 1981 [1917] 'Mourning and Melancholia'. In *The Standard Edition of the Complete Works of Sigmund Freud, SE*. Editado e Traduzido por J. Strachey. Vol. 14. Londres: Hogarth Press. pp. 243-58.

- 1981 [1926] 'Inhibitions, Symptoms and Anxiety'. In J. Strachey (Ed. and Trans.), *The Standard Edition of the Complete Works of Sigmund Freud, SE Vol. 20*. Londres: Hogarth Press. pp.75-176.
- 1981 [1930] 'Civilization and its Discontents'. In J. Strachey (Ed. and Trans.), *The Standard Edition of the Complete Works of Sigmund Freud, SE Vol. 21*. Londres: Hogarth Press. pp. 64-145.
- Green, A.
1983 *Narcissisme de Vie. Narcissisme de Mort*. Paris: Minuit
2002 *Idées Directrices pour une Psychanalyse Contemporaine*. Paris: PUF.
2007 *Pourquoi les Pulsions de Destruction ou de Mort?* Paris: Ed. du Panama.
- Grotstein, J.
1999 *O Buraco Negro*. Lisboa: Climepsi.
- Grunberger, B.
2003 *Le Narcissisme*. Paris: Payot.
- Jacobson, E.
1971 *Depression*. Nova Iorque: Int. Univ. Press.
- Kristeva, J.
1989 *Black Sun: Depression and Melancholia*. Nova Iorque: Columbia Univ. Press.
- Lacan, L.
1986 *L'Éthique de la Psychanalyse*. Paris: Seuil.
2004 *L'Angoisse*. Paris: Seuil.
- Matos, A. Coimbra de
2001 *A Depressão*. Lisboa: Climepsi.
- Mourão-Ferreira, D.
1983 *Antologia Poética*. Lisboa: D. Quixote.
- Racamier, P.C.; Blachard, M.
1957 'De L'Angoisse à la Manie. Étude Clinique et Psychopathologie de la Manie dans ses Rapports avec la Dépression'. *L'Évolution Psychiatrique* 1957. pp-555-94.
- Rolland, J.-C.
2006 *Avant d'être Celui qui Parle*. Paris: Gallimard.

- Rosolato, G.
1975 'L'Axe Narcissique des Dépressions'. *Nouvelle Revue de Psychanalyse* 11. pp.5-33.
- Steiner, G.
2003 *Nostalgia do Absoluto*. Lisboa: Relógio d'Água
- Torok, M.
1995 *Luto ou Melancolia, Introjectar-incorporar*. São Paulo: Escuta.
- Young, E.
1997 *Night Thoughts*. Londres: Dover Publications

O Ângulo Morto da Depressão**The Blind Spot of Depression****Sumário****Summary**

A ilusão do triunfo sobre a morte é do que trata este artigo. Melancolia e mania constituem duas patologias do narcisismo, duas patologias do Eu. Duas estratégias psíquicas inerentes ao Homem-ser-para-a-morte heideggeriano, diante da angústia e da dor mental. Entre a melancolia e a mania, o investimento narcísico fecha-se sobre o self ou transborda para o mundo na procura incessante de objetos vicariantes. No fundo, larvar, viscosa, informe, está a angústia de morte e a ameaça da depressão diante do vazio, da finitude, do abandono, da aniquilação. Que estratégias usam os seres humanos para negar a separação e a finitude? Veremos que quase todas elas passam pelo narcisismo. Porque a morte, na aspiração narcísica, é o único adversário que vale a pena desafiar e vencer.

Palavras-chave: angústia de morte, narcisismo, ciclotimia, melancolia, mania, pulsão de morte, depressão.

The illusion of the triumph over death is the theme of this article. Melancholy and mania are two pathologies of narcissism and the self, constituting two psychic strategies inherent to the Heideggerian being-toward-death facing anguish and mental pain. Between melancholy and mania, the narcissist investment closes on the self, or overflows to the world in the endless search for vicarious objects. The anguish of death appears larval, viscous, and shapeless towards the void, finitude, abandon, and annihilation, along with the menace of depression. What strategies do the human beings use to deny separation and finitude? Almost all of them go through narcissism. Because death, in the narcissist aspiration, is the sole adversary worth defying and winning.

Key-words: anguish of death, narcissism, cyclothymia, melancholia, mania, death pulsion, depression.